



ROMPENDO COM O SIONISMO: ENTREVISTA COM UM REFUSENIK DO EXÉRCITO ISRAELENSE¹

Entrevista, transcrição e tradução:
Gabriel Henrique Pereira da Cunha²

Resumo: Esta entrevista com um refusenik do exército israelense (pseudônimo: Daniel) explora a trajetória individual de contestação ao serviço militar em Israel, destacando processos de doutrinação ideológica, segregação social e o rompimento com o sionismo. Daniel relata sua formação sionista, a vivência em um kibutz, o contato inicial com palestinos e como experiências pessoais e relacionamentos interpessoais influenciaram a mudança de sua perspectiva política, levando ao rompimento com a ideologia sionista. O relato evidencia o papel da socialização, da educação e das cerimônias nacionais na construção de crenças políticas, bem como a forma como a segregação impede o questionamento crítico do sistema militar e do Estado. A entrevista também revela os desafios enfrentados por refuseniks, incluindo isolamento social, perda de amigos e repercussões profissionais, além da importância de redes de apoio, como o Mesarvot, na orientação jurídica e emocional. Este estudo contribui para a pesquisa histórica, através da metodologia da história oral, ao fornecer uma perspectiva pessoal e detalhada sobre resistência à militarização e contestação política em contextos de conflito, permitindo compreender os mecanismos de manutenção do sionismo e da ocupação, bem como os fatores que podem levar à conscientização crítica e à desobediência civil.

Palavras-chave: Refusenik; Antissionismo; Palestina; Ocupação.

¹ Entrevista realizada de modo virtual em 15 de novembro de 2025, no contexto de um projeto autoral dedicado à coleta de depoimentos de judeus antissionistas em diferentes contextos nacionais. Até o momento, foram reunidos mais de 30 depoimentos provenientes do Brasil, da África do Sul, dos Estados Unidos, da Inglaterra e de Israel/Palestina, entre outros contextos. O projeto é desenvolvido no âmbito da extensão universitária, com bolsa vinculada ao programa “Territorialidades, racialidades, identidades e resistências: educação antirracista, em direitos humanos e história pública – Produção de materiais antirracistas”, coordenado pelo Prof. Dr. Fabio Bacila Sahn.

Nesse texto foi utilizada a seguinte inteligência artificial: Adobe Premiere Pro (função de transcrição automática de áudio). A IA foi usada do seguinte modo: apoio na transcrição dos depoimentos em áudio para texto, com posterior revisão e validação pelo autor.

² Graduando em História, pela Universidade Federal do Paraná. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6332698125134168>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6628-7103>. Email para contato: gabrielcunha1@ufpr.br.





BREAKING WITH ZIONISM: AN INTERVIEW WITH AN ISRAELI ARMY REFUSENIK

Abstract: This interview with an Israeli army refusenik (pseudonym: Daniel) explores the individual trajectory of resistance to military service in Israel, highlighting processes of ideological indoctrination, social segregation, and the break with Zionism. Daniel recounts his Zionist upbringing, life in a kibbutz, initial contact with Palestinians, and how personal experiences and interpersonal relationships influenced the shift in his political perspective, leading to the break with Zionist ideology. The account illustrates the role of socialization, education, and national ceremonies in shaping political beliefs, as well as how segregation hinders critical questioning of the military system and the state. The interview also reveals the challenges faced by refuseniks, including social isolation, loss of friends, and professional repercussions, as well as the importance of support networks, such as Mesarvot, in providing legal and emotional guidance. This study contributes to Oral History by offering a personal and detailed perspective on resistance to militarization and political dissent in conflict contexts, allowing for an understanding of the mechanisms sustaining Zionism and occupation, as well as the factors that may lead to critical awareness and civil disobedience.

Keywords: Refusenik; Anti-Zionism; Palestine; Occupation.

1. Daniel, você pode começar falando sobre você, sobre sua trajetória de vida?

Eu sou um *refusenik*³ do exército israelense. Passei 50 dias na prisão militar em 2023. Mas eu não sou um refusenik comum, já que eu não nasci aqui na Palestina ocupada.

Eu nasci na Colômbia. Nasci em uma família em que meu pai era de origem judaica e minha mãe vinha de uma família católica da Colômbia. Na verdade, meu pai era judeu religioso na Colômbia quando era mais jovem. Mas, quando tinha cerca de 30 anos, ele se afastou da religião, eu não sei por quê. Ele não está mais vivo. Não sei quais foram suas motivações, mas em algum momento ele deixou a religião de lado.

Na minha casa, na casa onde cresci, tudo era completamente secular. Eu também estudei em uma escola normal, católica, na Colômbia, sem qualquer conexão com a comunidade judaica. E, também, porque minha família era muito secular, eles não queriam ter qualquer conexão com a comunidade judaica. Então eu não tinha nenhuma ligação com eles.

³ Refuseniks é o termo usado em Israel para designar pessoas que se recusam a cumprir o serviço militar obrigatório, geralmente por razões políticas ou de consciência



Mas, havia algum sionismo na minha família. Nós não éramos religiosos. Mas, meu pai, eu acho, introduziu a ideia na família de que, sempre que quiséssemos, poderíamos migrar para, entre aspas, Israel. E que eles nos dariam apoio para fazer isso.

Sempre existiu essa ideia na minha família de que Israel era um lugar muito avançado, tecnologicamente muito avançado, economicamente muito avançado. Então, eu vivia na Colômbia, um lugar com muitos problemas econômicos e problemas de segurança. Desde pequeno, eu sempre quis migrar para fora da Colômbia.

E sempre havia essa ideia de que existia esse país chamado Israel, que era incrível, avançado e que eu podia ir para lá quando quisesse. Essa ideia sempre existiu, mesmo que eu não tivesse nenhuma conexão com a comunidade judaica.

Eu tive uma infância difícil, havia muitos problemas em casa. A Colômbia não é um país fácil. Então, eu comecei a dizer para minha mãe que eu queria me mudar para outro lugar. Eu disse para ela que queria verificar a possibilidade de me mudar para Israel, depois do ensino médio, para estudar na universidade. E, mesmo que não tivéssemos conexões com a comunidade judaica, nós guardávamos o número da Agência Judaica, porque sabíamos que, em algum momento, talvez quiséssemos fazer isso.

Então, eu disse isso para minha mãe e nós ligamos para eles. E eles nos chamaram para uma reunião. Na reunião, eles começaram a falar hebraico na nossa frente, de modo que não pudéssemos entender. Como minha mãe não é judia, eles ficaram um pouco desconfiados. Eles precisavam verificar se nós éramos realmente — ou se eu era realmente — judeu. Começaram a nos fazer perguntas. E, quando dissemos que meu pai estava enterrado no cemitério judaico na Colômbia, eles ficaram tipo: “Ok”, não havia problema.

Aí começaram a nos tratar bem, a nos acolher. Antes disso, eles eram bem hostis, falavam em outra língua. Depois que perceberam que eu era judeu, na visão deles, começaram a falar conosco. E me perguntaram se eu realmente queria ir (vir). E me disseram: — “sim, você pode vir para estudar na universidade ou quando for mais adulto”.

Eu ainda estava no Ensino Médio naquele momento, tinha uns 15 anos. E eles me disseram que também havia um programa para ir (vir) para Israel mesmo antes de terminar o Ensino Médio: — “você pode terminar o ensino médio lá. E podemos pagar tudo, desde a passagem de avião, moradia, escola, tudo será coberto”.



Para mim, que queria sair do país, sair da Colômbia o mais rápido possível, aquilo parecia maravilhoso. Convenci minha mãe. No começo, ela estava hesitante, porque disse: — “sabe, eu não quero que você vá para o exército, talvez seja perigoso”. Especialmente porque, na Colômbia, o exército é conhecido por ter muitos problemas — abusos de direitos humanos e essas coisas.

Então, ela não queria que eu fosse para um exército em outro país. Mas eu a convenci, disse que era isso que eu realmente queria. E ela concordou. E então nós contatamos a Agência Judaica e eu disse a eles que queria participar desse programa.

Depois de alguns exames, me aceitaram e me levaram para viver lá. Eu tinha 16 anos. Me levaram para um *kibutz*⁴ na parte norte da Palestina de 1948. E, para mim, foi uma experiência incrível. Euáí daquele país, a Colômbia, com muitos problemas, uma cidade grande e suja, para viver em um kibutz, que é literalmente como uma comunidade privada, segregada, com casas grandes, jardins, sem criminalidade, sem pobreza. Então aquilo era como uma utopia.

Fui viver nesse kibutz com outros colonos ou imigrantes de toda a América Latina. Então também foi uma experiência divertida, era como viver em um filme. E esse kibutz era completamente segregado dos palestinos. Eu fiquei naquele kibutz três anos e nunca conheci um palestino.

E, desde o início, eles começaram a nos doutrinar na ideologia sionista. Eu literalmente me lembro de que, no primeiro dia, eles nos levaram diretamente do aeroporto para uma montanha onde era possível ver uma paisagem incrível do Vale do Jordão, um lugar com muitas bandeiras israelenses e balões azul e branco.

E fizeram uma cerimônia para nos receber. E tocaram a *Hatikvá*, o hino israelense. Foi a primeira vez que eu o ouvi. E lembro que pensei: uau, este é um hino bonito. A melodia é muito bonita. E, desde o começo, eles já começaram com essa cerimônia. Na escola, eles começaram a nos levar para as cerimônias do Dia da Lembrança, que é um dia em que lembram soldados caídos ou que morreram em guerras e, também, civis israelenses que morreram em ataques. Eles te levam para as cerimônias e mostram fotos das pessoas que morreram. E contam suas histórias pessoais. Tudo é muito pessoal, para criar uma reação emocional nas pessoas que participam da cerimônia. E, claro, tudo é conectado ao projeto de Israel.

⁴ Kibutz é uma comunidade coletiva de assentamento criada no contexto do sionismo, baseada originalmente em princípios de propriedade comunal e trabalho cooperativo, frequentemente associada ao processo de colonização judaica da Palestina no século XX.





Eles dizem: — “essas pessoas morreram por Israel, para que você possa estar aqui. E essa é a cerimônia de lembrança”. Também há a lembrança do Holocausto, que é uma semana depois, com a mesma ideia. Eles te mostram essas histórias muito pessoais e fotos de judeus que foram mortos na Europa, nas guerras na Europa, no genocídio na Europa, e conectam isso à ocupação da Palestina. Eles dizem: — “essas pessoas morreram na Europa, mas isso está conectado a você estar aqui, e estar aqui é a única solução para o que aconteceu na Europa”. A única solução para o genocídio dos judeus na Europa é ter um Estado israelense forte e um exército forte. Essa é a mensagem que te transmitem em todos os lugares.

E havia, então, esse processo muito grande, imenso, de doutrinação na ideologia sionista e de segregação da população palestina e de sua realidade. Como eu disse, eu não vi um palestino durante aqueles três anos. Eu não... na mídia israelense não havia menção aos palestinos.

Então, na escola, a história que te contam é que os árabes queriam nos matar, que as pessoas na Europa queriam nos matar, e isso tudo. Então esse foi o meu Ensino Médio. Terminei o Ensino Médio e, nessa época, eu era completamente sionista. Eu amava o Estado de Israel.

Sim, eu tinha bandeiras de Israel no meu quarto. Eu era obcecado por sionismo. Então, quando terminei o Ensino Médio, era hora de ir para o exército. Mas, por acaso — bem, talvez não exatamente por acaso —, o exército um dia foi até nossa escola, no meu último ano, para nos mostrar um programa do exército. O exército vai às escolas o tempo todo, porque logo esses jovens estarão no exército. Então eles vão mostrar todos os diferentes programas e coisas que você pode fazer no exército. E um deles era um programa chamado Atuda⁵, que significa que primeiro você vai para a universidade. Antes de ir para o exército, você vai para a universidade, estuda algo de que o exército precisa — engenharia, medicina, coisas assim. E, quando termina a universidade, você vai para o exército por cinco anos, em vez de três.

E, para mim, aquilo parecia uma ótima ideia profissionalmente e uma ótima ideia para retribuir a Israel. Porque, naquela época, eu pensava: — sabe, eles me deram tanto. Eles me tiraram daquele país pobre para essa vida incrível e utópica. Então eu deveria dar algo em troca. Para mim, parecia um programa excelente. Eu me inscrevi nesse programa e eles me aceitaram.

⁵ Atuda é programa do exército israelense que permite ao recruta cursar o ensino superior em áreas estratégicas antes do serviço militar regular, comprometendo-se posteriormente a um período mais longo de serviço





E comecei a universidade em Jerusalém. Só que Jerusalém é muito diferente do kibutz. Porque, como eu disse, no kibutz não há palestinos. Mas, em Jerusalém, metade da população é palestina. E, por exemplo, da minha universidade, que fica em uma colina no leste de Jerusalém, você literalmente vê o muro de separação — o muro que separa fisicamente os bairros palestinos. Então, na universidade, eu comecei a ver palestinos, a conversar com eles.

Comecei a ver coisas, como esse muro, e a fazer perguntas: — por que existe um muro aqui? Mas, como eu disse, eu era muito sionista. Então não foi como se, de um dia para o outro, eu mudasse de opinião. Foi um processo.

Como nasci em outro país, eu tinha muitos amigos internacionais, estudantes de intercâmbio, por exemplo. E, como eles são estudantes de intercâmbio, não têm os mesmos preconceitos que os israelenses. Por exemplo, israelenses que vivem em Jerusalém nunca vão aos bairros palestinos no leste da cidade. Eles nunca vão. Acham que é perigoso.

Então, se você vive com israelenses no lado oeste da cidade, você nunca vai ver, nunca vai interagir com palestinos. Mas, como eu tinha esses amigos, amigos americanos, comecei a sair com eles e ir a esses bairros no leste da cidade, ir a restaurantes e coisas assim. E comecei a perceber: — isso não é nada perigoso. E essas pessoas são pessoas normais, como eu.

Então essa foi uma das maneiras pelas quais comecei a abrir minha mente. E isso é muito difícil. Como eu disse, para outros israelenses, porque eles não têm essas experiências. Porque tudo o que veem na mídia é: — “isso é perigoso, não vá lá. Não interaja com essas pessoas”. Há literalmente muros que os separam dessa população. Então, como eles não conseguem ver o que está do outro lado do muro, é muito fácil para eles demonizarem essas pessoas.

Então eu comecei a quebrar esse muro mental lentamente. Lembro também que fui com um desses amigos americanos a Ramallah, algo impensável para israelenses hoje em dia. Qualquer israelense, ninguém iria a Ramallah. Mas eu fui com eles. Levei meu passaporte colombiano, claro, e fui a Ramallah. É um lugar incrível. Você encontra pessoas muito legais. Então eu pensei: — “essas pessoas são literalmente como eu”. E fomos ao Museu Yasser Arafat, que tem uma parte sobre a história do país. E lembro que, nesse museu, eu estava olhando a parte histórica, e falavam sobre massacres que o exército israelense cometeu, por exemplo, na guerra de 1956, na qual Israel invadiu a Península do Sinai e cometeu massacres de civis em Rafah — como, hoje, na Faixa de Gaza.



E foi a primeira vez... Eu já estava aqui havia mais de quatro anos, mas foi a primeira vez que ouvi que Israel havia cometido massacres de civis. E, para mim, esse pensamento era impossível. Eu realmente não achava que soldados israelenses pudessem matar civis de propósito. Então eu vi aquilo e fiquei em choque.

Então comecei a verificar essas coisas. E percebi que há muitas situações em que israelenses matam civis de propósito. E eu comecei a ficar mais curioso. Comecei, por exemplo, a ler livros de história. Comecei com um livro sionista de esquerda e acabei lendo livros do Ilan Pappé ⁶e desses outros autores.

E, de novo, foi um processo, um processo longo e difícil no qual comecei a perceber que Israel faz coisas ruins. E foi muito doloroso para mim perceber isso, porque, como eu disse, eu realmente amava Israel naquela época. Então foi um processo longo, eu já tinha me comprometido a ir para o exército.

Então, algo aconteceu que mudou, foi a gota d'água que mudou completamente minhas opiniões. No meu último ano de universidade, conheci uma garota na universidade, uma mulher palestina, e, eventualmente, começamos a namorar. E, quando você começa a namorar alguém, isso claro que te influencia muito. Isso me deu uma visão mais pessoal da perspectiva Palestina. E isso me deu a motivação para dizer: — sabe, mesmo que eu tenha que pagar um preço, um preço pessoal, eu não quero ir para o exército.

Antes disso, mesmo que eu já tivesse começado a ver que Israel fazia muitas coisas ruins, eu não queria me sacrificar por isso. Não queria pagar um preço pessoal. Mas, quando eu já tinha uma motivação pessoal, isso me deu a força para dizer: — Ok, isso é demais. E eu vou me recusar a ir para o exército, não importa se eu tiver que ir para a prisão.”

Então, isso foi algo — eu acho — um destino que aconteceu comigo e que me deu a motivação para dar esse passo. Mas acho que isso também explica muito sobre o conflito aqui; porque, como eu disse, existe essa segregação. Então as pessoas não têm amigos, não têm parceiros do outro lado. Elas não têm uma razão pessoal para questionar seu sistema, para questionar sua ideologia.

⁶ Historiador israelense conhecido por críticas ao sionismo e por trabalhos sobre a história da Palestina.





E, se você não tem uma razão pessoal para fazer isso, muito provavelmente você não fará. E isso é feito de forma intencional. Não é aleatório que as populações sejam segregadas. As populações são segregadas para perpetuar o conflito.

Foi assim que cheguei à conclusão de me recusar. Depois, entrei em contato com o Mesarvot⁷, que é a rede que ajuda os refuseniks. Eles me deram aconselhamento jurídico. Eu me recusei e fui para a prisão por 50 dias. E eles literalmente me soltaram quando o genocídio começou, no dia 7 de outubro de 2023, porque não tinham tempo para pessoas como eu. Então, simplesmente, me soltaram e me deixaram livre.

2. Quando você rompeu com o sionismo, você teve algum prejuízo nas relações pessoais?

Sim, definitivamente. Eu pago esse preço todos os dias. Eu vim para cá quando ainda era criança, com 15 anos. Então, geralmente, seus melhores amigos são os que você faz no Ensino Médio, quando você é criança. Esses eram meus melhores amigos, pessoas da escola. Mas todos eles estão completamente doutrinados no sionismo. Então, em certo momento, simplesmente se tornou impossível para mim manter contato com eles. E eu perdi todos esses amigos.

Hoje em dia, no meu trabalho, eu vivo uma vida dupla, porque não posso dizer às pessoas do meu trabalho quais são as minhas opiniões. Se eu dissesse, provavelmente me demitiriam. Então, lá eu tenho que fingir. Eles sabem que há algo estranho em mim, mas provavelmente não imaginam a extensão das minhas opiniões.

Então, com eles eu tenho que fingir que sou, de alguma forma, “normal”. Mas não posso ter relacionamentos reais com essas pessoas. Eu fico ali sentado, no meu trabalho, e eles ficam dizendo como têm que “exterminar todo o povo em Gaza”, que “as pessoas em Gaza são baratas”. Essas são coisas, literalmente, que eu ouvi no meu escritório. É como se eu trabalhasse, sei lá, no exército ou numa empresa de defesa — eu trabalho em um escritório normal.

E as pessoas simplesmente ficam por aí dizendo essas coisas aleatoriamente, como se fosse normal. A sociedade israelense, eu acho que sempre foi assim. Mas eu não posso comparar com o

⁷ Mesarvot é uma rede israelense que oferece apoio jurídico, político e emocional a pessoas que se recusam a cumprir o serviço militar obrigatório, especialmente por razões políticas.



passado, porque eu não estava aqui. Mas eu suspeito que sempre foi assim. A sociedade israelense é completamente psicopática. Eles acham que essas coisas são normais.

Na Colômbia eu não poderia ir ao meu escritório e dizer: — devíamos exterminar todos os povos indígenas, eles são baratas. Se eu dissesse isso no meu escritório, as pessoas ficariam chocadas. Provavelmente eu seria demitido. Mesmo que haja muito racismo na Colômbia, você não pode simplesmente dizer essas coisas em voz alta. Aqui, é completamente normal dizer isso.

3. Explique melhor o processo de recusa e da ida para a cadeia. Como foi essa experiência?

Então, quando comecei a ter essa coisa, esses pensamentos de não ir para o exército, no começo eu nem sabia que existia a possibilidade de se recusar. Eu não sabia que as pessoas faziam isso. Por acaso, vi um artigo na BBC sobre uma garota que se recusou e foi para a prisão — literalmente por acaso, porque eu não lia a BBC. Então, quando eu estava tendo esses pensamentos, eu disse: — “ah, ok, vou pesquisar essa organização no Google.”

E eu pesquisei e vi que existem esses grupos que apoiam pessoas que não vão para o exército. Então escrevi uma mensagem para eles. Eles me ligaram de volta e marcaram uma chamada com uma advogada. Então falei com a advogada, e ela me explicou: — “olha, você pode se recusar. Você provavelmente vai para a prisão, para uma prisão militar, por cerca de três meses, que é o que geralmente leva. Mas, sabe, não é uma prisão normal. É uma prisão militar. Então as condições são bem boas. E, depois disso, você não terá repercussões legais reais”.

Eles te ameaçam muito: — “Se você se recusar, você não vai conseguir encontrar emprego. E você vai ficar dois anos na prisão.” É isso que eles dizem. Mas, ela — essa advogada da rede — tem muita experiência. Então ela me explicou que isso são apenas ameaças. E então eu decidi que faria isso.

E essa rede, para mim, por exemplo, que sou um imigrante, um colono, eu não tenho família aqui, para pessoas como eu, especialmente, essa rede é muito útil, porque você conhece outras pessoas que fizeram isso. Eles também te dão muito apoio emocional, eles te enviam cartas para te



apoiar, quando você está dentro da prisão, para você sentir que não está sozinho. E, claro, o mais importante, eles te dão a orientação jurídica. Então, essa rede é realmente crucial para ajudar as pessoas a recusar.

Então, o que eu fiz foi enviar uma carta para o exército explicando os motivos pelos quais eu queria me recusar. Na carta, escrevi algo como: — “vocês matam civis, então eu não quero fazer parte disso”. E eu pedi algo que se chama Comitê de Objeção de Consciência — que existe, é algo que existe no exército israelense. E você tem que provar nesse comitê que você é pacifista. E eles não dão isenções para pessoas por pacifismo quase nunca; é muito difícil conseguir essa isenção.

Então pedi esse comitê. Eles me deram a oportunidade de ir a esse comitê. Não é automático. Eles não necessariamente vão te dar um comitê. Eu fui, e eles não concordaram que eu era pacifista. E me disseram: você ainda tem que ir para o exército. Você tem que ir para o escritório de recrutamento. Então fui com a minha mochila preparada para a prisão. E falei: — eu estou me recusando. Então eles me mandaram para a prisão.

E normalmente, quando você se recusa, eles te mandam para a prisão por 20 dias. E, quando você termina os 20 dias, eles te dizem: — “Ok, amanhã você tem que voltar ao escritório de recrutamento”.

E você volta, você se recusa de novo, e eles te mandam de novo para 20, 30 dias. E depois disso, eles dizem que você tem que voltar de novo. Então eles fazem isso normalmente algumas vezes. Geralmente são três meses. Então eles te liberam para sempre. Mas, ultimamente, houve alguns casos de pessoas que ficaram seis meses nesse processo, seis meses dentro da prisão. Então é assim que geralmente funciona.

4. E desde o 7 de outubro de 2023, você acha que os refuseniks aumentaram em número? Ou está mais ou menos igual? Como você acha que está essa relação?

Então, eu acho que no comecinho da guerra, talvez no primeiro ano ou algo assim, foi, eu acho, o contrário. Toda a sociedade israelense estava em um êxtase de violência. Todo mundo concordava que tínhamos que ir e exterminar Gaza. Então, sabe, você não podia falar. Não estou falando sobre não poder falar contra o apartheid ou contra a guerra — não. Você não podia dizer: — “em Gaza existem crianças e civis”. Porque, se você dissesse isso, até se publicasse algo no



Instagram, como “estão matando crianças em Gaza”, eles podiam te prender. Houve alguns casos de pessoas que postaram isso no Instagram, a polícia veio e as levou.

Então, literalmente, durante o primeiro mês, você não podia dizer nada contra a guerra. Eu acho que, eventualmente, depois de um ano, e com todas as notícias do genocídio saindo, uma pequena parte da população — bem pequena — começou a falar um pouco mais. Não foi como uma grande onda, um grande movimento ou algo assim, mas alguma crítica começou a ser permitida.

Em relação aos refuseniks, eventualmente aconteceu um grande aumento no número de recusantes. No Mesarvot, nós principalmente apoiamos refuseniks antissionistas. Mas também há muitos que não são antissionistas, mas que são contra a ocupação da Cisjordânia e contra a guerra em Gaza; nós também ajudamos essas pessoas. Pode haver alguns recusantes da esquerda sionista que vêm ao Mesarvot, mas, se eles são mais desse campo, eles vão para outro grupo, que se chama New Profile⁸, que é uma espécie de “grande casa”, digamos, ideologicamente nesse sentido — o Mesarvot é mais radical.

Eles também criaram esse grupo que se chamava Soldiers for the Hostages⁹, que eram pessoas que queriam se recusar a ir ao exército, mas que são completamente sionistas, eu diria, completamente pró-genocídio. Eles só queriam tirar os reféns — quer dizer, os prisioneiros israelenses, de Gaza.

Então, se você analisar todo o fenômeno da recusa ao exército, houve um grande aumento, especialmente se você levar em conta também os Soldiers for the Hostages. Se você considerar que, nesses dois anos, a questão das pessoas ultraortodoxas no exército começou a ganhar importância, porque os israelenses que vão para o exército foram convocados para mais de um ano de serviço de reserva.

Essas pessoas que têm empregos, que têm famílias, ficam mais de um ano indo matar pessoas, e alguns deles também morrem. Quero dizer, eles são criminosos, mas é — e é um grande esforço fazer o que eles fazem. Então eles ficam tipo: — “sabe, nós estamos fazendo tudo isso, enquanto os ultraortodoxos não precisam ir para o exército”.

⁸ New Profile é uma organização israelense que atua contra a militarização da sociedade e oferece apoio a pessoas que questionam ou se opõem ao serviço militar obrigatório.

⁹ Soldiers for the Hostages é um grupo formado por israelenses que defendem a recusa ou suspensão do serviço militar com o objetivo específico de priorizar a libertação de cidadãos israelenses mantidos em Gaza, sem necessariamente questionar o sionismo ou a guerra.



Então essa questão começou a ganhar mais importância e começaram a ameaçar aprovar uma lei para forçar os ultraortodoxos a ir para o exército. Com isso, começaram a prender mais dessas pessoas ultraortodoxas. Em geral, até na prisão do exército israelense, havia três blocos da prisão, e durante a guerra eles tiveram que expandir para seis blocos, porque havia tantos recusantes de todo o espectro — desde ortodoxos até antissionistas — que foi necessário expandir a prisão.

Nos nossos números de refuseniks antissionistas, normalmente temos um ou dois refuseniks por mês ou algo assim. Neste último ano, durante o genocídio, acho que vimos algo como o dobro da quantidade usual. Então, sim, houve um aumento na recusa, mas não tão grande quanto você gostaria que fosse.

5. Você diria que os refuseniks, em geral, são israelenses nascidos aí? Ou você acha que há alguns imigrantes também, como você? Porque às vezes percebo, pelo menos em alguns outros depoimentos que coletei, que quem não nasceu em Israel geralmente é ainda mais sionista, porque precisa, digamos, se justificar.

Sim. Eu concordo totalmente. Acho que, se você olhar para as populações de colonos — colonos que vieram agora, que nasceram em outro lugar — em geral eles são mais, ou igualmente, sionistas do que o público israelense geral que nasceu aqui. Então, sim, na comunidade de recusantes eu sou minoria; não há muitos imigrantes. A maioria nasceu aqui.

A maioria desses colonos vem por meio de programas, tipo aquele pelo qual eu vim. Tem esse programa muito famoso chamado Masa, que é para jovens; eles os trazem por um ano para aprender hebraico e dão algumas experiências, como trabalhar um pouco em um kibutz e coisas assim. E esses programas são muito desenhados para serem muito eficazes na doutrinação. Então é muito difícil vir para um desses programas e, depois deles, ter uma opinião negativa de Israel. Geralmente você chega aqui e sai desses programas apaixonado por Israel. Há alguns imigrantes como eu que são antissionistas, mas, sim, definitivamente somos minoria.

Daniel, você tem mais alguma coisa que talvez queira comentar?



Não, acho que não tenho nada a acrescentar.

Podemos terminar por aqui. Muito obrigado.

Recebido em 13 de janeiro de 2026.

Aceito em 20 de fevereiro de 2026.

Publicado em 13 de maio de 2026.

Atenciosamente,
Equipe Editorial CENTÚRIAS.